

Representações femininas na crônica esportiva: personagens criadas por literatos

Female representation in sports chronic: characters created by writers

SOUZA MTO, CAPRARO AM. Representações femininas na crônica esportiva: personagens criadas por literatos. **R. bras. Ci. e Mov** 2016;24(4):168-174.

RESUMO: O esporte brasileiro foi e ainda é amplamente preenchido e protagonizado por homens. No futebol, tido como ícone de identidade nacional, isso se torna mais evidente. Além disso, a desconfiança em relação à capacidade das mulheres em preencher esse espaço, por muitas vezes, esteve presente no senso comum, seja de forma explícita ou mascarada. Mas será que essa visão encontra-se presente também nas análises de escritores que versaram sobre o esporte? Essa é a questão a qual o seguinte artigo ansiou responder, e para tanto, foram analisados alguns personagens literários femininos apresentados nos textos dos cronistas Nelson Rodrigues e Luis Fernando Veríssimo. Por se pautar na análise de fontes, a metodologia de pesquisa pode ser definida como qualitativa, de caráter histórico. Sua especificação é literária, focada em crônicas esportivas. Nas crônicas analisadas, nas quais as mulheres aparecem no papel de personagens, pode-se notar certa desconfiança com relação ao entendimento delas sobre o futebol. Os cronistas as colocam em seus textos para explicar a importância das coisas ou algumas regras básicas desse esporte, como no caso da “grã fina das narinas de cadáver” de Nelson Rodrigues. Nas crônicas de Luis Fernando Veríssimo, as mulheres são vistas como “empecilhos” na vida futebolística de seus companheiros. Há de tomar-se cuidado, entretanto, com a relação dessas histórias com os respectivos escritores, já que as personagens não podem ser vistas como uma simples extensão de seus criadores. O que se pode afirmar é que estes, por possuírem grande capacidade de alcance populacional, de certo modo, podem ser considerados catalisadores de um intenso e atual debate.

Palavras-chave: Representações Femininas; Crônicas Esportivas; Futebol.

ABSTRACT: The Brazilian sport was and still is largely completed and carried out by men. In football, a national identity icon, this becomes more evident. Furthermore, the distrust of women's ability to fill this space, often was present in common sense, either explicitly or masked form.. But is this vision also present in the analysis of writers who wrote about sport? That is the question which the following article yearned answer, and for that were analyzed some female literary characters presented in texts of Nelson Rodrigues and Luis Fernando Verissimo. Why be based on the analysis of sources, the methodology can be defined as qualitative, with historical character. Its specification is literary, focused on sports chronic. In analyzed chronicles, in which women appear in the role of characters, you can notice certain distrust regarding their understanding about football. The chroniclers put them in their texts to explain the importance of things or some basic rules of the sport, as in the case of "grã-fina das narinas de cadáver" of Nelson Rodrigues. In chronicles of Luis Fernando Verissimo, women are seen as "obstacles" in the football life of his partners. It is good, however, be careful with the relationship of these stories with their writers, since the characters can not be seen as a simple extension of their creators. What can be said, because they have great capacity of reach the public, in a sense, is that their texts can be considered a catalyst for an intense and ongoing debate.

Key Words: Female Representations; Chronic Sports; Football.

Maria Thereza Oliveira Souza¹
André Mendes Capraro¹

¹Universidade Federal do Paraná

Introdução

O esporte brasileiro foi e ainda é amplamente preenchido e protagonizado por homens¹. No futebol, tido como ícone de identidade nacional, isso se torna mais evidente²⁻³. Apesar dos reconhecidos avanços da participação feminina, seja na função de atleta, árbitra, repórter, comentarista ou até mesmo na direção de alguns clubes¹, sua presença em atribuições diretivas ou midiáticas relacionadas ao esporte ainda é bastante inferior à dos homens, como exemplo, pode-se verificar que o quadro profissional de jornalistas escritores da ESPN, um dos principais portais esportivos do Brasil, é constituído por dezoito homens e apenas uma mulher. Além disso, a desconfiança em relação à capacidade das mulheres em preencher esses espaços, por muitas vezes, esteve presente no senso comum, seja de forma explícita ou mascarada⁴. Mas será que essa visão encontra-se presente também nas análises de renomados cronistas que versaram sobre o esporte? Essa é a questão a qual o seguinte artigo anseia responder, e para tanto, serão analisados alguns personagens literários femininos apresentados nos textos de Nelson Rodrigues e Luis Fernando Veríssimo.

Por se pautar na análise de fontes, a metodologia de pesquisa pode ser definida como qualitativa, de caráter histórico. Sua especificação é literária, focada em crônicas esportivas. Os autores foram escolhidos primeiramente por possuírem relevância literária e legitimidade garantida no jornalismo esportivo e, em segundo lugar, por serem aqueles (entre os principais nomes da crônica esportiva) que se utilizaram do recurso da criação de personagens femininas na construção de seus textos. Vale salientar que a busca foi realizada em livros que reuniam várias crônicas selecionadas pelos próprios literatos, ou seja, coletâneas individuais que, de certa forma, representavam sínteses das produções desses autores e, então, dentre esses textos, foram escolhidos aqueles que mencionavam mulheres fictícias.

Acentuando a relação entre a pesquisa histórica e a literatura argumenta-se que:

O texto literário como documento da história ou a história como contexto que atribui significado ao texto literário são caminhos que podem colidir no congestionamento da mão única por onde enveredam. Neste sentido, reflexo, expressão, testemunho, articulação, influência e termos similares são o léxico que costuma vincular o texto literário ao que há de coletivo e social para quem e para além de suas páginas. Aliás, a escolha de um ou de outro termo já implica não só menor ou maior grau do entrelaçamento postulado entre literatura e história, como também e sobretudo o modo como se postula tal entrelaçamento⁵ (p. 21).

E ainda: “Qualquer obra literária é evidência histórica objetivamente determinada – isto é, situada no processo histórico –, logo apresenta propriedades específicas e precisa ser adequadamente interrogada”⁶ (p. 8).

Esses trechos reforçam que os documentos literários podem ser usados como fonte histórica, pois estes, apesar de apresentarem “[...] compromisso maior [...] com a fantasia do que com a realidade [...]”⁷ (p. 20), revelam pistas sobre os contextos da época na qual os autores estavam inseridos ao produzir suas crônicas. Assim, mesmo elas não tendo amarras tão fortes com a realidade e nem um compromisso rígido com a verdade, o que significa serem os escritores livres para dar tom artístico ao texto e empregarem ali um amplo imaginário de como as coisas poderiam ser, suas palavras sempre estão carregadas de representações sociais e visões, mesmo que maquiadas, dos autores. Tendo isso em vista, concorda-se que “[...] a função do pesquisador da literatura transcende a busca direta e única das representações e imaginários estabelecidos pelo autor no momento da criação da obra”⁸ (p. 25).

Torna-se necessário, agora, apresentar os conceitos que fundamentaram a pesquisa e balizaram as análises nas páginas que se seguem:

Quanto ao conceito de gênero, coadunado à ideia de Louro, crê-se que:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai

¹Alguns exemplos: Marta Silveira Reis é a maior representante do futebol feminino brasileiro e foi eleita a melhor jogadora do mundo pela FIFA em cinco oportunidades (2006 a 2010); Sílvia Regina de Oliveira tornou-se árbitra internacional em 2001, e desde então até o ano de 2007 apitou jogos na elite paulista e nacional, além de atuar na Copa do Mundo de Futebol Feminino em 2001 e nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004); Ana Thaís Matos é comentarista do canal Sportv e participa constantemente de programas de debate futebolístico da emissora; Patrícia Amorim foi presidente do Clube de Regatas Flamengo entre os anos de 2010 e 2012.

constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino numa dada sociedade e num dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente os seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos⁹ (p. 21).

Partindo-se, então, da premissa de que sexo e gênero não têm a mesma representação social, podem-se apresentar tais diferenças a partir das formulações da antropóloga Maria Luiza Heilborn:

Gênero é um conceito das ciências sociais que, grosso modo, se refere à construção social do sexo. Significa dizer que, no jargão da análise sociológica, a palavra sexo designa agora a caracterização anátomo-fisiológica dos seres humanos e, no máximo, a atividade sexual propriamente dita. O conceito de gênero ambiciona, portanto, distinguir entre o fato do dimorfismo sexual da espécie humana e a caracterização de masculino e feminino que acompanham nas culturas a presença de dois sexos na natureza. Este raciocínio apóia-se na idéia de que há machos e fêmeas na espécie humana, mas a qualidade de ser homem e ser mulher é condição realizada pela cultura¹⁰ (p. 1).

Evidencia-se que, pelo teor das crônicas analisadas, os autores pautaram seus escritos na objetividade da definição de sexo, isto é, centrado no aspecto biológico, muito embora possam ser percebidas nas fontes, nuances das ideologias de gênero historicamente calcadas na sociedade.

Representações femininas relacionadas ao futebol

Luis Fernando Veríssimo², escritor e jornalista, em sua obra “A eterna privação do zagueiro absoluto”¹¹ traz uma seleção de crônicas produzidas e selecionadas por ele sobre futebol, cinema e literatura. Dentro da parte específica de futebol há quatro crônicas reunidas em um bloco intitulado *O que elas têm a ver com isso*. O assunto do bloco é a alusão de Veríssimo sobre o papel que a mulher assume culturalmente em relação à prática do futebol.

Nessas crônicas, alguns aspectos revelam que, na visão de Veríssimo, a mulher desempenha função de “pedra no sapato” do homem, que estaria muito mais interessado em apreciar belas partidas de futebol na televisão ou “peladas” de fim de semana do que passar tempo com a família. Suas palavras podem ser entendidas como forma de sátira a esse modelo de homem, que coloca a paixão pelo esporte acima de tudo. Exemplo disso é a crônica *A importância relativa das coisas*, na qual o escritor coloca de forma satírica a oposição entre casamento e futebol. A história conta com um grupo de amigos que jogam futebol todo sábado e terminam seus relacionamentos com suas esposas a qualquer atitude das mesmas que confronte o importantíssimo torneio de final de semana, sendo que dois deles que escolheram dividir o tempo com suas amadas, foram considerados traidores e excluídos do grupo, em contraste àqueles que tinham “[...] uma noção correta da importância relativa das coisas na vida de um homem”¹¹ (p. 28).

Em outro exemplo, Veríssimo traz a história de *Márcio e Bete*¹¹(p. 30). O relacionamento do casal durou apenas duas semanas, e o motivo foi o desconhecimento da moça sobre o mundo do futebol. O escritor constrói a crônica por meio de perguntas cômicas feitas por Bete em relação ao esporte, como: “Gol de longe também vale três pontos?” ou “O juiz apita?”. Esse último questionamento inclusive, feito após ela não entender porque um homem estava entrando em campo com a bola de baixo do braço, sendo que pelo que havia escutado, o futebol era jogado com os pés.

Na crônica *Frescuras*, o escritor fala que o futebol não pode abrir espaço para atitudes delicadas, e para isso usa o exemplo de uma mulher que pede ao marido para que seus amigos usem descanso para os copos durante jogos de pôquer em sua casa. Nessa situação, o homem rejeita e diz que isso seria um precedente para a imposição de mais regras. Veríssimo usa as seguintes palavras: “O homem sabia o que os descansos significavam. Depois dos descansos viria o pedido para que usassem cinzeiros, em vez de largarem as cinzas no chão. Logo seria levantada a questão dos

²Luis Fernando Veríssimo nasceu em Porto Alegre, no ano de 1936. Ele é filho do renomado escritor Érico Veríssimo. Iniciou sua carreira no jornal Zero Hora, em 1970, passando também pelo jornal Folha da Manhã. Trabalhou na televisão, escrevendo quadros para os programas “Planeta dos homens” e “Comédias da Vida Privada”¹².

restos de comida misturados com as cartas e fichas. E não demoraria e viria a sugestão para que cuidassem da pontaria na hora do xixi...”¹¹ (p. 34).

A essência do homem fictício criado por Veríssimo tem a finalidade de acentuar (quem sabe, até com certa ironia) o caráter masculinizante que aquela prática tem para muitos, deixando claro que atitudes para modificar tais características já estabelecidas não seriam pacificamente aceitas. Já o escritor trafega no limite da sua autonomia artística e daquilo que poderia ser considerado uma concordância com o enquadramento de gênero socialmente dado ao esporte.

Ao analisar essa obra de Veríssimo, provavelmente, a maioria dos leitores o imaginará como um machista convicto, já que as únicas crônicas relacionadas ao sexo feminino nessa determinada obra, colocam a mulher num plano de inferioridade e desentendimento em relação ao esporte. Contudo há que se precaver quanto ao fato de que praticamente todas as suas ideias expressam duplo significado, já que o escritor se utiliza de tom irônico em várias oportunidades, e ainda, os personagens por ele criados não são necessariamente uma extensão de seu pensamento pessoal, atuam como personagens televisivos que se distanciam de seus autores, criando outra realidade. Fato é que esses personagens parecem representar, de forma excessiva (há que se frisar), alguns discursos de distinção presentes na sociedade, no esporte e no futebol de maneira especial. Discursos estes que delimitam os papéis que devem ser ocupados por homens e mulheres no convívio social, como ensina Le Breton¹³ e que, no caso do futebol, distanciam a figura feminina de sua prática e, ainda, de seu universo³.

Outro renomado cronista, Nelson Rodrigues³, tornou-se um célebre criador de personagens. Um dos exemplos mais famosos presentes em suas crônicas sobre futebol é a “grã-fina das narinas de cadáver¹⁴⁻¹⁵”. Essa personagem é pensada a partir de um entendimento do autor sobre a relação de uma grande parcela de mulheres, sobretudo sobre suas leitoras, com o futebol daquela época, as décadas de 1960 e 70. A frase mais memorável dita por ela e a qual o escritor recorre sempre é a pergunta: “Quem é a bola?”. Como no seguinte excerto de sua crônica *Um escrete de feras*, publicada no Jornal *O Globo*, no ano de 1969:

[...] o meu assunto de hoje é supostamente antifeminino. Simplesmente vou escrever sobre futebol. Entre as minhas leitoras, muitas jamais entraram no Estádio Mário Filho; e suspiram: “Eu não gosto de futebol”. Outras poderiam perguntar, como a grã-fina das narinas de cadáver: - “Quem é a bola?”. Todavia, há um momento em que todos entendem de futebol e gostam de futebol. É quando está em causa o destino do escrete. Na hora da seleção, até a grã-fina das narinas de cadáver adquire uma súbita clarividência¹⁴ (p. 142).

Primeiramente, por meio do questionamento título, Nelson utiliza como recurso literário a ironia ao se referir às mulheres, de certa forma desprezando-as como público leitor, tendo em vista que existe uma contradição evidente: se são desinteressadas por futebol, por que ler uma crônica fundamentalmente sobre este assunto? Em um período pouco marcado pelo politicamente correto⁴, Rodrigues utiliza as mulheres como ferramenta para uma construção pedagógica em suas crônicas.

A personagem serve, então, como uma oportunidade para que o literato explique a importância que ele destina aos fatos, ou seja, quando a grã-fina (representante de uma grande parcela de mulheres), sabe o que está em jogo ou dedica seu tempo a assistir futebol, é porque a coisa é séria, como em partidas da seleção brasileira ou em jogos entre Flamengo e Fluminense. Referente ao clássico carioca, Nelson inclusive usa da seguinte frase: “Sabe quem é o Fla-Flu e não sabe quem é a bola.” Como se o esse jogo fosse quase mais antigo ou significativo que a própria realidade do

³Nelson Falcão Rodrigues nasceu em Recife, no ano de 1912. Começou sua carreira com 13 anos, no jornal “A manhã”, fundado por seu pai Mário Filho, no Rio de Janeiro. Durante toda sua trajetória escreveu crônicas, contos, correio sentimental, folhetins, comentário esportivo e artigos opinativos em variados periódicos, como: “Correio da Manhã”, “O Jornal”, “Última Hora”, “Manchete Esportiva” e “Jornal do Brasil”. Além disso, escreveu peças teatrais e a novela “A Morta Sem Espelho” e também participou como comentarista de alguns programas esportivos. Nelson Rodrigues morreu no ano de 1980¹⁶.

⁴Normalmente, quando se fala em ‘politicamente correto’, refere-se a neutralização de uma linguagem ou discurso, evitando o uso de narrativas estereotipadas ou que possam fazer referências as diversas formas de discriminação existentes, como o racismo, o sexismo, a homofobia e etc.¹⁷

futebol. Com relação à seleção brasileira, a qual ele chama de “escrete”, Nelson defende que ela faz parte dos assuntos vitais do Brasil, e por isso até a grã-fina das narinas de cadáver se dá ao trabalho de opinar¹⁴ (p. 142).

Na crônica *O gol mil*, Nelson Rodrigues relata a noite em que Pelé atingiu a incrível marca de mil gols como jogador profissional. A grã-fina aparece novamente para maximizar a importância do feito. Nelson usa as seguintes palavras: “Na fila dos elevadores, o meu primeiro olhar descobriu a grã-fina das narinas de cadáver. Vocês entendem? Ela continua não sabendo quem é a bola. Mas o que a magnetizava era Pelé como homem, mito e herói”¹⁴ (p. 158). Nesse excerto fica claro que o escritor defende uma transcendência do sucesso do jogador brasileiro para além da esfera esportiva, ou seja, a grã-fina não estava ali para apreciar uma simples partida de futebol, até porque isso não a interessava muito, mas estava presente para ver Pelé jogar, para ver um homem que construiu uma importância social e por isso conquistou o interesse de um público não necessariamente especializado ou apaixonado por futebol. O jogador foi como uma ferramenta de construção do orgulho nacional, ao ver Pelé jogar, todos se sentiam mais brasileiros.

Pelé e a grã-fina se encontrariam mais algumas vezes. Desta vez falando da despedida do rei do futebol com a camisa da seleção brasileira no ano de 1971, por meio da crônica “*O deus das batalhas*”¹⁵ (p.161), Nelson fala que o Brasil chorou com aquele episódio, ninguém entendia ou aceitava ficar sem seu camisa 10. O escritor ainda defende que a personagem esteve presente em todos os jogos de Pelé no Maracanã, ou seja, até mesmo a menos interessada ou entendida mulher tinha a convicção de não poder perder a chance de acompanhar o melhor jogador de todos os tempos.

A adoração brasileira pelo craque é mais uma vez enfatizada na crônica “*Mais divino do que humano*”¹⁵ (p. 166). Nelson Rodrigues afirma que a grã-fina telefonou-lhe para dizer que estava chorando antes mesmo do fatídico jogo de despedida. O escritor comenta que tudo no Brasil naquele dia tinha clima de velório, como se alguém estivesse se despedindo para sempre. A atenção e a aflição da personagem deixam claro que todos os brasileiros, quase que sem exceção, estavam sofrendo com a decisão de aposentadoria de Pelé da seleção e que aquele assunto estava acima de qualquer outro em qualquer outra esfera da sociedade brasileira por um bom tempo.

Outra oportunidade na qual Nelson fala do patriotismo brasileiro relacionado ao futebol é a crônica “*É Hoje a batalha*”¹⁵ (p. 151). Nesse texto o escritor relata a ansiedade e felicidade do povo brasileiro antes do jogo decisivo da seleção nacional contra o Uruguai, pela semifinal da Copa do Mundo de 1970. Ele exagera em suas palavras, dizendo que os brasileiros só eram felizes quando a seleção ganhava, que em período sem jogos da mesma, todos ficavam de cara amarrada, mas quando o Brasil ganhava todos se transformavam em belos sorrisos. Nelson ainda diz que a seleção é sim um país em campo, é sim representante de todos os brasileiros, e por isso cada um se sentia driblando, chutando e marcando com Pelé, Tostão, Jairzinho e companhia. Dentro desse contexto ele novamente cita a personagem feminina: “A grã-fina das narinas de cadáver sente-se como se fosse co-autora do gol contra a Inglaterra”¹² (p. 153), ou seja, até ela estava entusiasmada e orgulhosa dos feitos da seleção canarinho naquela competição a ponto de sentir-se parte da possível conquista.

Após a conquista do tricampeonato em 1970 e da despedida de seu melhor jogador, em 1971, a seleção estava em momento de transição no ano de 1972. Nelson Rodrigues, então, escreve a crônica “*O escrete ventando labaredas*”¹⁵ (p. 168), na qual relata um jogo entre o selecionado nacional e a forte equipe da Iugoslávia. Para tanto se utiliza novamente da metáfora calcada na personagem da grã-fina das narinas de cadáver. Ele conta que na manhã seguinte a partida, ela lhe ligou para comentar como estava apaixonada pelo escrete e sobre a participação do jogador Leivinha. A grã-fina obviamente não conhecia o jogador, mas elogiou sua *performance*, além de comentar sobre o desempenho de Pelé, mas então Nelson a lembra que o craque já não jogava mais pela seleção e que ela o estava confundindo com Jairzinho, autor de belo gol na partida. A personagem não estava interessada na obrigação dos fatos, levada pela emoção ela já havia feito seu próprio entendimento do jogo e aquilo lhe bastava. O escritor elogia a grã-fina com as seguintes palavras:

[...] Mas os leitores estão vendo que a grã-fina das narinas de cadáver tem feito progressos consideráveis nos seus conhecimentos sobre futebol. Longe vai o tempo em que entrava, no Mário Filho, aos gritinhos – ‘Quem é a bola? Quem é a bola?’. A partir de ontem, acrescentou à sua cultura futebolística o nome de Leivinha.¹⁵ (p. 168).

Nelson Rodrigues aqui deixa claro que a paixão pela seleção brasileira pode fazer até mesmo a grã-fina passar a entender um pouco mais sobre o futebol e apreciá-lo, ou seja, quase que associando isso a uma obrigação do brasileiro em acompanhar o esporte.

Tais aspectos permitem aferir que Nelson Rodrigues apresentava uma concepção consideravelmente centrada em um modelo masculinizante, levando em conta que ele utiliza dessa personagem para comunicar-se com seu público basicamente formado por homens. O escritor mesmo admite, ainda que de modo lúdico, que as suas leitoras jamais entraram em um estádio de futebol e, portanto, a tal grã-fina é lembrada quando o autor acredita que explicações mais simples se fazem necessárias, dando indícios de uma generalização sobre o pouco entendimento futebolístico da mulher brasileira.

Logicamente, o pensamento do escritor não pode ser deslocado de seu tempo. Isto é, mesmo que essas crônicas sejam consideradas polêmicas e politicamente incorretas segundo a visão atual (cujo predomínio é do politicamente correto), depois de toda uma luta pela conquista de direitos e igualdade alcançados pelas mulheres na segunda metade do século XX no Brasil, Nelson Rodrigues manifestava em suas crônicas o típico pensamento predominante nos anos 1940-70. Na época em que seus textos chegavam aos leitores todos os dias em periódicos, a prática de um grande número de esportes ainda era proibida às mulheres dentro daquela sociedade¹⁸⁻¹⁹, a qual era fortemente marcada pela dominação masculina²⁰.

Conclusões

Nas crônicas analisadas, pode-se notar presente a formação de estereótipos de gênero na construção de personagens mulheres, principalmente ao se exacerbar certa desconfiança em relação ao entendimento delas sobre o futebol. Os cronistas as colocam em seus textos para explicar a importância das coisas ou algumas regras básicas desse esporte, como no caso da “grã fina das narinas de cadáver” de Nelson Rodrigues. Em outras oportunidades, como nas crônicas de Luis Fernando Veríssimo, as mulheres são vistas como “empecilhos” na vida futebolística de seus companheiros. Há de tomar-se cuidado, entretanto, com a relação dessas histórias com os respectivos escritores, já que as personagens não podem ser vistas como uma simples extensão de seus criadores. Assim, a questão surge de forma paradoxal, demonstrando as suas diversas facetas.

Dessa forma, evidencia-se que, mesmo artística e literariamente, ou seja, de maneira que se deve ser considerada a liberdade de criação dos escritores, algumas ideias sociais dos papéis, atribuições e características diferenciais entre os gêneros encontram-se presentes nos discursos desses importantes literatos brasileiros. Porém, diante das possibilidades criativas presentes na literatura e da subjetividade interpretativa dos leitores e/ou analistas, não é possível delinear o posicionamento de tais escritores diante da presença da mulher no futebol. O que se pode afirmar é que estes, por possuírem grande capacidade de alcance populacional, de certo modo, podem ser considerados catalisadores de um intenso e atual debate

Agradecimentos

Os autores agradecem a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão das bolsas de estudo e apoio dado à realização do estudo.

Referências

1. Simões AC, Cortez JAA, Conceição PFM. Mulher e Esporte de Competição e de Rendimento: as várias fases do social, do biológico e do psicológico. In: Simões AC, Knijnik JD (Orgs.). O mundo psicossocial da mulher no esporte – Comportamento, Gênero, Desempenho. São Paulo: Aleph; 2004. p. 131-152.
2. Goellner SV. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista brasileira de Educação Física e Esportes. 2005; 19: 143-151.
3. Franzini F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História. 2005; 25: 315-328.
4. Gazeta Online. Mulheres ligadas ao futebol lutam contra o machismo no esporte. 04 mar. 2016. Disponível em: http://www.gazetaonline.com.br/conteudo/2016/03/esportes/futebol_capixaba/3931918-mulheres-ligadas-ao-futebol-lutam-contra-o-machismo-no-esporte.html. [20 jun 2016].
5. Mallard L, Helena L, Moreira ME, Lajolo M, Zilberman R, Ventura R. História da Literatura – ensaios. Campinas: Unicamp; 1995.
6. Chalhoub S, Pereira LAM, organizadores. A História Contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1998.
7. Sevcenko N. Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense; 1999.
8. Capraro AM. Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX. [Tese de Doutorado]. Curitiba: Departamento de História do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná; 2007.
9. Louro GL. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes; 2003.
10. Heilborn ML. De que gênero estamos falando? In: Sexualidade, Gênero e Sociedade, ano 1, nº 2, CEPESC/IMS/UERJ; 1994.
11. Verissimo LF. A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto. Rio de Janeiro: Objetiva; 1999.
12. Releituras. Luis Fernando Verissimo. [s/d]. Disponível em: http://www.releituras.com/lfverissimo_bio.asp [21 out 2016].
13. Le Breton D. A sociologia do corpo. 2. ed. Petrópolis: Vozes; 2006.
14. Rodrigues N. À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras; 1993.
15. Rodrigues N. A Pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras; 1994.
16. Releituras. Nelson Rodrigues. [s/d]. Disponível em: http://www.releituras.com/nelsonr_bio.asp. [21 out 2016].
17. Significados. Significado de politicamente correto. [s/d]. Disponível em: <https://www.significados.com.br/politicamente-correto>. [21 out 2016].
18. Goellner SV. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. Pensar a Prática. 2005; 8: 85-100.
19. Goellner SV. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista brasileira de Educação Física e Esportes. 2005; 19: 143-151.
20. Bourdieu P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand; 2002.